

O MOVIMENTO COMO ESSÊNCIA DO CORPO SUBJETIVO NA FENOMENOLOGIA DE MICHEL HENRY

Luiz Edmundo Pinto Bonilha*

Resumo: Neste trabalho procuramos expor a noção de movimento na filosofia de Michel Henry. Fizemos isso por acreditarmos que o “Movimento” é um elemento essencial para a constituição do Corpo Subjetivo. Sem o movimento o ser humano não sentiria a presença do mundo ou da vida. Apenas o imaginaria, o representaria em imagens estáticas do pensamento. Henry, por sua vez, ao notar essa concepção estática do mundo e da vida do ego, “retirou” esse último do pensamento e trouxe o ser do ego junto ao movimento que, segundo ele, se confunde com nosso corpo. Para corroborar com nossa crença, Henry, em seu livro *Filosofia e Fenomenologia do Corpo*, afirma que “o corpo não é apenas movimento, é também o sentir (...) mostra precisamente que a essência do sentir se constitui pelo movimento” (HENRY, 2012, p. 98). Através desta afirmação pretendemos alcançar o objetivo de explicar como que através do movimento é possível o ser do ego constituir-se; sendo mais claro, como é possível a afirmação do “pertencimento do ser do movimento à esfera de absoluta da subjetividade” (HENRY, 2012, p. 71-72).

Palavras-chave: Corpo Subjetivo. Movimento. Michel Henry. Subjetividade.

Introdução

A tradição filosófica centrou-se no “logos”, na “Razão”, na perspectiva intelectual de nossa vida e ao deparar-se com o corpo do ser que questiona, que reflete, que se move, que impulsiona e vivencia todo o agir da vida – com seus afetos e subjetividade – acabou colocando essas perspectivas (ou modo de viver) como questões secundárias. Quando essas perspectivas foram estudadas as conceberam como pertencentes ao ser transcendente. O filósofo holandês, Spinoza, percebeu claramente essa forma menos prestigiosa de abordar tudo aquilo que “não pertence” a esfera da razão:

Os que escreveram sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora dela (SPINOZA, 2013, p. 161).

* Mestrando do curso de Filosofia (UFSM) E-mail: <mailto:nl.edmundo@yahoo.com>

Essa atitude possibilitou o desenvolvimento da clássica dicotomia alma/corpo (mente/cérebro). Mesmo que os sistemas filosóficos concordem, em relação ao corpo, “na afirmação do pertencimento ao mundo do ser de nosso corpo” (HENRY, 2012, p. 18), o conhecimento deste foi legado à transcendência. Em decorrência disso o corpo foi tratado como adereço, como um objeto ou como um objeto histórico. No entanto, esse ser transcendente, que sobrevoa(va) o corpo, o observando como um espectador, ao avistar aquele “objeto” o enxergou vazio em seu interior devido a sua distância.

Notamos nisso um afastamento, uma separação, do ser sensível, dizendo de outra forma, da subjetividade em relação ao conhecimento.

Segundo o filósofo francês Michel Henry no livro “A Barbárie” a divergência da subjetividade em relação ao conhecimento “surge” quando Galileu contrapõe o mundo sensível em relação ao conhecimento geométrico declarando “que o conhecimento no qual o homem confia desde sempre é falso e ilusório” (HENRY, 2012, p. 13). Esse conhecimento é o conhecimento sensível. O mundo do conhecimento sensível não é confiável por ele ser variável, dependente da sensibilidade de cada indivíduo, ao passo que o conhecimento racional, geométrico, é independente da sensibilidade (ou subjetividade) dos indivíduos.

Isto por que o que existe no mundo são formas e corpos extensos e qualquer outra forma de obter conhecimento não era digna de confiança. Esse posicionamento de Galileu de reduzir a natureza a leis gerais e exatas calculáveis tentando aplicar a matemática pura à empiria é uma tendência já herdada de “matematizar” a própria realidade ideal (HUSSERL, 2012, p. 278).

A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras, sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto (GALILEI, 1991, p. 21).

Fazendo a distinção das qualidades primárias (formas, figuras, movimento...) e qualidades secundárias (cor, odores, sabores...) estas últimas qualidades são percebidas apenas na percepção subjetiva do observador, não residem no objeto observado. Galileu influenciou não apenas na física como também em outras áreas do conhecimento como na filosofia. Podemos citar como exemplo a filosofia cartesiana. Na segunda meditação quando Descartes está mostrando que é mais fácil de conhecer os atributos do espírito do que os do corpo é, sem dúvida, observável essa influência

Então, o que se conhecia com tanta distinção nesse pedaço de cera? Por certo não pode ser absolutamente nada de tudo o que nele observei por intermédio dos sentidos, porquanto todas as coisas que caíam sob o paladar, ou o olfato, ou a visão, ou o tato, ou a audição, acham-se mudadas, e no entanto a mesma cera permanece. Talvez fosse o que penso agora, a saber, que a cera não era nem essa doçura do mel, nem esse agradável aroma das flores, nem essa brancura, nem essa figura, nem esse som, mas somente um corpo que um pouco antes me aparecia sob essas formas, e que agora se faz observar sob outras. Mas que é, falando precisamente, que imagino quando a concebo desse modo? Consideremo-lo atentamente e, afastando todas as coisas que não pertencem à cera, vejamos o que resta. Por certo nada mais permanece senão algo de extenso, flexível e mutável (DESCARTES, 2011, p. 50).

Ora, a ciência tem por pretensão superar a tudo o que é particularidade, individualidade, subjetividade devido a seu caráter objetivo. A ciência galileana tem como intuito superar essa contingência das aparências para “revelar” um mundo verdadeiro em si mesmo na medida em que, afasta do mundo as qualidades sensíveis para reter apenas o que é empírico e qualitativamente demonstrável no espaço-temporal. “Assim se propõe, em lugar das impressões individuais e das opiniões variáveis que elas suscitam, um conhecimento unívoco do mundo, do que é verdadeiramente.” (HENRY, 2012, p. 28). Procurando estabelecer, dessa forma, um conhecimento objetivo da natureza, afastando as qualidades sensíveis dos objetos, na concepção henryana, Galileu moldou a modernidade:

A modernidade resulta de uma decisão intelectual formulada com clareza, cujo conteúdo é perfeitamente inteligível. É a decisão de compreender, à luz do conhecimento geométrico-matemático, um universo doravante reduzido a um conjunto objetivo de fenômenos materiais e, mais do que isso, a decisão de construir e organizar o mundo baseando-se de maneira exclusiva sobre esse novo saber e sobre os processos inertes que permitem dominá-lo (HENRY, 2012, p. 14).

Quando falamos que a ciência afastou o mundo sensível dos objetos ou da natureza é por que se antes, Aristóteles e seus seguidores atribuíam que essas qualidades sensíveis eram atributos da natureza a partir dos estudos e descobertas galileanas essas qualidades se tornaram algo separado da natureza. Como Henry afirma a ciência afastou o ser da sensação. Longe de apenas afastar o ser das sensações de sua subjetividade, a ciência tenta reduzir a vida a meras abstrações, idealidades passíveis de explicações físicas.

A pretensão da ciência de reduzir o mundo da vida a um mundo de idealidades e abstrações físico-matemáticas repousa sobre a ilusão prévia de que as propriedades sensíveis deste mundo são precisamente as suas e lhe pertencem propriamente e que, uma vez que a cor está na natureza e não na alma, se pode apreender o ser natural, e isso mediante uma análise mais fina do que a da percepção, por meio de uma análise física (HENRY, 2012, p. 73).

No entanto, o mundo apresenta-se a nós em aparições sensíveis e essas, são tudo aquilo que constitui a “matéria prima” de nossa vida: a subjetividade. E esta é a capacidade de sentir a si mesma que é a vida real e não a vida que a ciência quer tentar através dos resultados obtidos em seus laboratórios através de seus tubos de ensaio, microscópios e afins: “é a vida fenomenológica absoluta cuja essência consiste no próprio fato de se sentir ou de experimentar a si mesmo e não é nada mais -, o que ainda denominaríamos subjetividade” (HENRY, 2012, p. 27).

Henry, por sua vez, investigará por um viés mais profundo que é o da subjetividade, da imanência absoluta do “Eu”. Onde o conhecimento se faz transparente e imediato devido a ausência da distância entre aquele que conhece e o conhecido (observado ou sentido). Em relação a isso cabe salientar que existe somente uma diferença no modo como as coisas se manifestam: ao corpo na imanência da subjetividade; o mundo ou os objetos, no elemento do ser transcendente.

1 O corpo subjetivo

O estudo que Michel Henry faz do corpo parte da análise da subjetividade com a intenção de mostrar o caráter concreto da subjetividade e que esta se confunde com nosso próprio corpo. Henry não propõe analisar o corpo a partir das intencionalidades (compreendidas no sentido husserliano) por que estas iriam se referir apenas a estruturas transcendentais e não ao corpo que pertence a região ontológica da subjetividade e somente através dessa última podemos compreender a realidade humana. O homem e suas experiências são dotadas de subjetividade e, além disso, o ser humano situa sua existência a partir de seu corpo como também as perspectivas que se manifestam a ele, segundo Henry. Por isso o filósofo francês afirma: que nosso “corpo, em sua natureza originária, pertence à esfera de existência que é a da própria subjetividade” (HENRY, 2012, p. 17).

Mas disso não infere que estamos reduzindo o ser humano, o homem, a uma “pura subjetividade”. Se essa fosse nossa intenção desnecessário seria investigar o corpo sendo que o estaríamos tratando como um mero adereço que não interfere no mundo. Longe disso, intentamos afirmar que aquilo que sei e conheço do mundo, da vida, das coisas que estão ao meu redor decorre das minhas experiências vividas e sem essas eu nada poderia dizer ou conhecer. E tal conhecimento só me é possível pelo corpo transcendental pertencente a região ontológica da subjetividade absoluta. Desta maneira compreenderemos a realidade humana, ou seja, o ser encarnado do homem.

Henry ao propor essa noção de corpo transcendental está se contrapondo e confrontando o ego transcendental husserliano e questiona: “(...) esse corpo que é nosso, é conhecido por nós da mesma maneira que qualquer outra intencionalidade da vida do ego, e seu ser deve receber, numa ontologia fenomenológica, o mesmo estatuto que o ser da intencionalidade em geral que o ser do ego?”. Respondendo afirmativamente a essa pergunta, Henry, apresenta sua tese: “É tomar consciência das únicas condições que nos permitirão explicar a existência de um corpo situado seguramente no centro da realidade humana: um corpo que é um eu” (HENRY, 2012, p. 17-18).

O que possibilitou de Henry afirmar essa tese foi de ele ter utilizado a filosofia biraniana como guia para desenvolver suas pesquisas. Segundo Biran, a psicologia clássica tratou (com êxito) apenas os fatos psíquicos, da introspecção, utilizando métodos que eram aplicados nas ciências naturais (Cf. p. 26) mas não soube lidar com a dimensão interior, a vida íntima, isto é, “a profundidade mesma da subjetividade” (HENRY, 2012, p. 24).

Essa vida interior, vida íntima, o filósofo de Bergerac, denominou de “Reflexão”. Esta na concepção biraniana é um tipo de conhecimento onde o “eu” nos é dado imediatamente, “cujo ser é determinado unicamente de acordo com a maneira pela qual ele nos é dado” (HENRY, 2012, p. 23). Nota-se que ao contrário do uso habitual/filosófico do termo “reflexão”, Biran atribuiu essa nova interpretação em contraposição ao ser transcendente em geral que, segundo o filósofo de Bergerac, não tem dimensão interior. Para nós o termo “reflexão” em seu uso filosófico designa “a operação por meio da qual o que nos era dado imediatamente se afasta de nós e, pela mediação da distância fenomenológica, cai sob a jurisdição do horizonte transcendental do ser” (HENRY, 2012, p. 23). Dessa maneira, Maine de Biran, identifica o *cogito* que é a fonte originária de toda e qualquer evidência, como um ato espontâneo, ação, movimento ou como esforço.

Como podemos perceber a “Reflexão” no pensamento biraniano é uma experiência onde percebo meu “Eu” em sua primeira expressão, na imediatez do meu “Eu”; como imanência radical. O “Eu” sendo dado para mim nessa aprecepção imediata, transparente, através de meu esforço, do movimento, posso afirmar meu “Eu” como um poder, um “Eu-posso”. Isso nos permitirá compreender o por que o conceito de “Reflexão” corresponder a uma experiência interior na filosofia biraniana.

Há também o conhecimento que Biran chamou de “Exterior”, que é do ser transcendente que, por sua vez, “nos é dado pela mediação de uma distância fenomenológica” (HENRY, 2012, p. 22). Essa constatação ocorreu após o filósofo de Bergerac ter verificado a necessidade de reconhecer dois tipos de observação da consciência, a saber: dos fatos

psíquicos e a da experiência interior.

Com essa constatação, Biran, tem por intuito de mostrar que há algo de anterior aos nossos juízos, nossas faculdades/categorias, algo mais originário que a todo conhecimento conceitual ou transcendente; que é onde se realiza o verdadeiro conhecimento originário: a experiência interna transcendental. É nessa experiência que todas “as intencionalidades essenciais da consciência se conhecem originariamente na imanência de seu ser mesmo e em sua realização imediata” (HENRY, 2012, p. 27). Nesse meio é onde se cumpre a verdade originária e com esta “vasta redução fenomenológica”, como diria Henry, chegamos ao corpo subjetivo.

2 O movimento e o ser do ego

Influenciado pela noção de corpo subjetivo de Maine de Biran, Henry, afirmará que “se o corpo é subjetivo; sua natureza depende da natureza dessa subjetividade” (HENRY, 2012, p. 18). Partindo dessa tese, o filósofo francês em questão, buscará fundamentar o corpo como um *pathos* imediato. Pois o corpo não sendo um intermediário entre a alma e os movimentos, somente a espontaneidade pode ser os catalisadores dos movimentos do corpo, segundo Henry:

Nossas ações se realizam sem que recorramos a nosso corpo como meio. Não temos, portanto, nenhuma necessidade de refletir sobre esse meio ou sobre esse corpo, este jamais constitui para nós um problema, nem um elemento para resolver um problema. Nossos movimentos se realizam espontaneamente, naturalmente, não têm “instrumentos” que serviriam para que os executássemos: “a alma”, diz Maine de Biran, “não pensa de antemão no objeto de seu querer, ou nos instrumentos que devem executá-lo e que ela não conhece”. Desse modo, o ego age diretamente sobre o mundo. Ele não age por intermédio de um corpo, não recorre na realização de seus movimentos, a nenhum meio, ele é ele mesmo esse corpo, ele mesmo esse movimento, ele mesmo esse meio. Ego, corpo, movimento, meio são a mesma coisa, e esta é bem real, não se dissolve na noite do inconsciente, nem no vazio do nada, é um ser, e esse ser é aquele de tudo que nos é dado numa experiência interna transcendental, é o ser mesmo do ego (HENRY, 2012, p. 79).

Com isto, Henry, sob o viés biraniano, está criticando o filósofo Francês Descartes por considerar a sua filosofia “uma concepção estática do pensamento” (HENRY, 2012, p.69) e fechada em si. Quer dizer, as modificações da vida da consciência são determinações do pensamento, não é o movimento que caracteriza a vida da consciência e suas modificações. Assim o conhecimento claro, como pretendia Descartes, só é possível na esfera das matemáticas.

Dessa forma, a extensão não faz mais limites ao ser do *ego* e este, por sua vez, não é mais “puro” pensamento. Agora, ao “se despojar desse imobilismo da substância-pensamento para se tornar, ao contrário, a experiência mesma de um esforço em sua efetivação, esforço com o qual começa e termina, segundo Biran, o ser do eu” (HENRY, 2012, p. 70), ele aparece como ação que interfere e modifica o mundo ininterruptamente: “o ego é uma faculdade, o cogito não significa um “eu penso”, mas um “eu posso”” (HENRY, 2012, p. 70). A novidade da proposta de Biran fica mais clara quando ele afirma que “o ser desse movimento, dessa ação e dessa faculdade é precisamente o de um *cogito*” (HENRY, 2012, p. 71).

Pelo fato de o movimento ser de maneira imediata, nos ser dado sem ser necessário que ele seja um objeto puro de um pensamento temático; seu estudo deve fazer parte de um “projeto de uma filosofia primeira” (HENRY, 2012, p. 72).

Nós nos unimos a nossos movimentos, não os deixamos em nenhum momento quando os fazemos, somos constantemente instruídos por eles; de um saber cuja originalidade e caráter excepcional, é verdade, mostramos porque nos confundimos com esses movimentos, por que seu ser, fenomenologicamente determinado segundo o modo de seu parecer, que é o da experiência interna transcendental, é o ser mesmo da subjetividade (HENRY, 2012, p. 72).

O que diferencia o “eu-penso” cartesiano em relação ao “eu-posso” biraniano, é que o segundo tem a capacidade de mudar, transformar o mundo, ou seja, esse “ser” que é o “ser” mesmo da subjetividade, não se trata de uma natureza abstrata, mas sim de uma produção:

Esta (...) não é nem o fato nem a obra de uma vida biológica, de um inconsciente dinâmico, de uma vontade de potência, de um impulso vital, de uma práxis indeterminada ou em terceira pessoa, de uma força obscura qualquer, essa força é cientemente produtiva, ela nunca faz mais do que sabe, o menor de nossos gestos cotidianos que o hábito, o recalque ou qualquer outra causa teriam tornado inconsciente, pertence, com efeito, à esfera de transparência e de certeza absoluta da subjetividade transcendental, seu ser é o ser mesmo da verdade originária (HENRY, 2012, p. 72-73).

Diferentemente do filósofo do cogito, Biran não trata o corpo como uma *res-extensa* com movimentos mecanizados, como causa-efeito, sob o apoio de teorias transcendentais amparada numa ideia da razão. Isso permite a correlação do ser ontológico ao ser subjetivo. Na concepção biraniana, o corpo não é um meio, nem um instrumento. Ele é, em sua efetivação, ação, movimento sentido, sentimento do esforço.

Henry considera o movimento como uma intencionalidade *sui generis*, isto porque o,

ser que nos é dado, que se manifesta através do movimento, é totalmente diferente de uma intencionalidade que comporta “uma tese dóxica” (HENRY, 2012, p. 93). Essa intencionalidade que o pensador francês fala não é teórica, o que é manifestado através de ser não é nada representado, mas de um modo bem contrário: “a maneira pela qual é vivido é precisamente a vida do ego no modo próprio que ela assume, agora, ou seja, o movimento” (HENRY, 2012, p. 93).

O movimento é a essência do sentir do corpo, segundo Biran. Esse “sentir” o corpo as conhece através do desenvolvimento “do processo subjetivo de seu esforço de sentir” (HENRY, 2012, p.100). Dessa maneira, acreditamos que, para Henry, o corpo não se confunde com as sensações, mas com o sentir. Isto por que as impressões (ou sensações) não se identificam com meu ser (ex. órgãos); já o sentir não é um objeto de uma representação teórica e se confunde com meu ser (ex. medo, sofrimento, amor...). Isso permite a correlação do ser ontológico ao ser subjetivo. Disso, podemos perceber que está negada toda e qualquer interferência da sensação muscular; o corpo não é um meio, nem um instrumento; Não há necessidade de se recorrer a uma ideia de substância ou de realidade para fundamentar o mundo de nossa experiência por que a realidade já está posta em nossa experiência sensível.

O corpo, esse corpo que sente, Henry o coloca como um “Eu-posso”, um “Poder” e esse poder, da vida originária, faz com que os movimentos nos sejam dados de forma imediata. Sem essa experiência originária, que é o do conhecimento que o corpo tem de si mesmo, de sua própria subjetividade, não seria possível nenhuma experiência do mundo ou da vida mesma.

Isto quer dizer que nunca o encontro entre o movimento de nosso corpo e os objetos do mundo é algo que ocorre como um fato casual (...) mas que esta experiência forma parte do esperado, do que sabemos que ocorre desde sempre, daquilo que sabemos que vai ocorrer como o fato mais básico de nossa vida (...) a maneira que sentimos o mundo é somente através de nossa experiência subjetiva e esta, por sua vez, se nos dá na experiência interna transcendental do ser subjetivo de nosso corpo (LAMUEDRA, 2010. P. 09-12, tradução nossa).

Considerações finais

É no corpo que as impressões da vida se manifestam e a vida quer ser sentida. É no corpo onde os movimentos são realizados. É através do corpo que damos sentido a vida e essa última se dá como afeto num corpo dotado de impulsos. O corpo não é um fetiche, um objeto em que se acrescentam adereços para esconder o seu “eu”, ele é possuidor de subjetividade.

Cada corpo possui uma extensa e rica capacidade subjetiva que nos oferece distintas perspectivas a cada novo amanhecer. Tratar o homem como algo separado de seu corpo, não é apenas esquecer-se do sujeito encarnado, mas também, do meu próximo, ou seja, da Ética. É enxergar os indivíduos como destinos, como uma vida. Vida que anda, chora, ri, sofre. Vida que toca e é tocada e que assim vai constituindo seu ser e seu percurso. Como não há separação do movimento com o “eu”, por sua vez, não há um mundo separado do *ego*. O mundo é vivido pelo *ego*, é sentido em todo seu agir. A vida que perpassa por ele que nos possibilita dar sentido ao mundo através de minha subjetividade, pois “o mundo é o mesmo porque eu sou o mesmo” (HENRY, 2012, p. 46).

Referências

DESCARTES, René, **Meditações metafísicas**. Introdução e notas de Homero Santiago. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GALILEI, Galileu. **O Ensaíador**. São Paulo: Nova Cultural, 1991, Os Pensadores.

HENRY, Michel. **Filosofia e fenomenologia do corpo**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Realizações, 2012.

HENRY, Michel. **A Barbárie**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Realizações, 2012

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2013.